



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA EM TEATRO**

**GABRIEL ANTUNES LUZ DA CUNHA**

**DIARRÉIA HUMANA NO COLAPSO DA COLÔNIA:  
Themonização nas ruínas do heterociscapitalismo.  
(Transtorno de Cognição em Curso – TCC)**

Belém (PA)

2018



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA EM TEATRO**

**GABRIEL ANTUNES LUZ DA CUNHA**

**DIARRÉIA HUMANA NO COLAPSO DA COLÔNIA:**

**Themonização nas ruínas do heterociscapitalismo.**

**(Transtorno de Cognição em Curso – TCC)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Teatro, pelo Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. M. Sc. Aníbal José Pacha Correia

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Larissa Latif

Belém (PA)

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da Escola de Teatro e Dança da UFPA - Belém-PA**

---

C972d Cunha, Gabriel Antunes Luz da

Diarréia humana no colapso da colônia: Themonização nas ruínas do heterociscapitalismo.(Transtorno de Cognição em Curso – TCC) / Gabriel Antunes Luz da Cunha -- 2019.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. M. Sc. Aníbal José Pacha Correia

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Larissa latif.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2019.

1. Teatro experimental. 2. Representação teatral. 3. Corpo na arte. 4. Performance, arte. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.028

---

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**

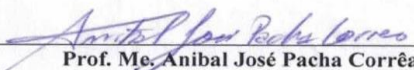
**ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

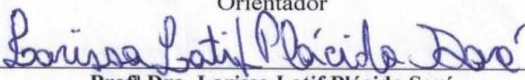
Aos vinte dias do mês de Dezembro do ano de dois mil e dezoito, às dezenove horas, reuniu-se no Auditório da ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof. Me. Anibal José Pacha Corrêa (orientador e presidente), Prof.<sup>a</sup> Dra. Larissa Latif Plácido Saré (Coorientadora), Professora Dra. Iara Regina da Silva Souza (examinadora) e Professora Me. Claudia Gomes da Silva (Examinadora) para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno GABRIEL ANTUNES LUZ CUNHA, intitulado: “Diarreia humana no colapso da colônia: Themonização nas ruínas do heterocapitalismo (Transtorno de Cognição em Curso – TCC)”. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

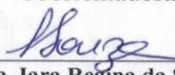
O trabalho foi aprovado com conceito excelente (E) com as seguintes observações recomendação para publicação.

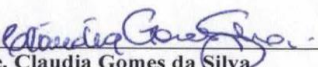
e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 20 de Dezembro de 2018.

  
Prof. Me. Anibal José Pacha Corrêa  
Orientador

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Larissa Latif Plácido Saré  
Coorientadora

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Iara Regina da Silva Souza  
Examinadora

  
Prof.<sup>a</sup> Me. Claudia Gomes da Silva  
Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Gabriel Antunes Luz da Cunha

*Gabriel Antunes Luz da Cunha*

Local e Data: Belém, 01 de Outubro de 2019.

“Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir!”

## AGRADECIMENTOS

Aos que pisaram aqui antes de nós.

Das profundezas da mata, rios e mangues onde a vida se decompõe nutrindo novas vidas, ao povo da mata, caboclos, caboclas, encantarias, a floresta urbanizada, aos igarapés aterrados, ao povo da rua, Exús e Lebaras, ao povo de légua e longas jornadas, ao povo cigano e todo o lixo que me acolhe e me protege nas encruzilhadas tornando a Sarita possível.

As Themonias, Monxtras, pessoas precárias, corpos desviantes, estranhas, tortas e todas aquelas que insistimos em reexistir, não pedimos pra nascer, apenas tivemos sorte, nos aturem ou surtem!

A professora Silvia Leticia, mãe, companheira, militante revolucionária, filha e irmã de mulheres periféricas e trabalhadoras, pelos esforços incansáveis de amor e defesa da educação libertadora, ocupar/reinventar todos os espaços, principalmente os que não são feitos pra nós, como o da universidade, transformando a realidade para que esse tipo de trabalho fosse possível, por me ensinar desde sempre, que a insurreição é a alternativa inevitável para a nossa existência.

Ao Pacha, Larissa, Iara, Claudia e Adriano pela disposição, olhares atentos e carinhosos no desenho desse transtorno, no fortalecimento de uma escrita cada vez mais poética.

A Lais, Bianca, Gilmour e Paulo, a primeira das famílias que escolhi ter, por todas as juvenices e amor a vida.

A família Cardoso, por me apresentarem o carnaval de Vigia.

A Luta Socialista e a esquerda revolucionária brasileira pela experiência da luta organizada e a consciência de classe.

Ao anarquismo pela consciência além das classes, na rebelião individual para a urgência da revolução coletiva.

Ao teatro, por me fazer sentir o mundo de outra uma maneira, para além da razão, outras possibilidades infinitas de se expressar e de reexistir.

A Fundação Curro Velho e UNIPOP pela humanidade honesta e urgente das experiências artísticas que me acolheram no início dessa trajetória artística.

Ao Arraial do Pavulagem, cordões de bichos e manifestações populares de rua que seguem existindo, exaltando nossas ancestralidades, transformando o ritmo cotidiano da cidade e por onde meu coração vibrou e vibra.

Ao Grupo de Teatro Universitário de Rua - GTURua por me fazer viver e perceber a cidade com outros olhos.

Ao espetáculo teatral Barrela, pela experiência imprescindível em discutir a realidade com quem vive a vida real.

As manifestações de rua, as jornadas de junho, greves e ocupações por escancarar a realidade de disputa permanente e transformação necessárias pelas nossas mãos.

Ao Murilo Miranda por um dia ter me chamado de Sarita.

Ao Coven AnamCara pela bruxaria moderna e por me desvendar o cristianismo.

A dona Maria, minha vizinha de recife por me apresentar a Jurema sagrada.

A Dhuzati pelo anarquismo, antiespecista e com referência ancestral.

Ao Iagor pela parceira, amor e coragem de sair doida pelo mundo.

Ao Espaço Ovni por todas as abduções.

Ao coletivo Noite Suja pela reinvenção dos corpos e dos espaços da cidade, por incomodar, por me abrigar, por brigar.

A Flores Astrais por todas as neuras, hierógitos e por ser minha irmã de alma.

A o Paulo Evander, por sermos irmãos de vida e toda a parceria nesses 12 anos.

Carolina Rodrigues pelo peito aberto, toda a confiança e disposição que uma amiga poderia ter.

Ao Thomas, Pietro, Thomaz, Diego, Sebastiam e amigos homens trans, pela reinvenção permanente da masculinidade.

A Cinarao pela jardinagemafiada na minha pele, te levo comigo, pra sempre.

Aos meus alunos por me melhorarem a cada dia, me enchendo de vida e alegria.

Ao terreiro de Dn<sup>a</sup> Rosinha Malandra, a mãe de santo travesti onde tenho fortalecido minha ancestralidade, intuição e espírito.

Ao meu pai, Antônio Neto, um dos homens mais autênticos que conheço, o maior exemplo de homem às avessas que eu poderia ter, por todos os passeios no cangote, cuidado, carinho e a certeza de que eu não preciso falar grosso e nem provar nada pra ninguém, onde pousar faço meu ninho e que cú de porre não tem dono.

## VÔMITO

O referido Trabalho de Conclusão de Curso ou como tenho sentido, Transtorno de Cognição em Curso - TCC, aborda o momento em que vivo com a experiência performativa, coletiva do corpo montado, montagem em desconstrução permanente, conhecida como Sarita Themonia. Tendo como ponto de partida para o estranhamento ao comportamento hegemônico que fui influenciado a reproduzir, determinando transformações vividas até aqui. Para tanto, compartilho das neuras sobre o conceito de Corpo Território quanto ao desvio do corpo normativo em descolonização do corpo ameríndio, identificando e deixando de reproduzir comportamentos e signos de dominação. A Sarita é a materialização da disputa de território que se expressa no meu corpo com a utilização do lixo como objeto de responsabilidade social, fazendo do corpo um lugar coletivo em desterritorialização, seja pela experiência visual e tátil. Evidenciando o processo de coisificação dos corpos, que nos coloca como objetos descartáveis, com prazo de validade, tal qual o lixo. A montagem se torna um dispositivo poético potente que opera a partir da experiência visual para diversas possibilidades de relação coletiva, subjetiva e com o espaço, construindo em Sarita um Corpo sem Órgãos. Sarita Themonia é um corpo montado de comportamento autêntico e livre expressão sensível em busca do inesperado, que atravessa e se fortalece no grupo cultural chamado NoiteSuja e sujando outras noites. O diferente, o incômodo contra-hegemônico, é objeto de análise crítica, reflexiva, artística e pedagógica, por meio de variada produção visual e virtual que conduz esse trabalho.

**Palavras -chave: Lixo. Montação. Themonia.**

## VOMIT

This Course Conclusion Paper, or as I have felt, Cognition Disorder in Progress - CBT, addresses the moment I live with the performative, collective experience of the assembled body, *montação* in permanent deconstruction, known as Sarita Themonia. Having as a starting point for the strangeness to the hegemonic behavior that I was influenced to reproduce, determining transformations experienced so far. To this end, I share the neuras about the concept of the Territory Body regarding the deviation of the normative body in decolonization of the Amerindian body, identifying and failing to reproduce behaviors and signs of domination. Sarita is the materialization of the dispute of territory that is expressed in my body with the use of garbage as an object of social responsibility, making the body a collective place in deterritorialization, either by visual and tactile experience. Evidencing the process of reification of bodies, which places us as disposable objects, with shelf life, just like garbage. Mounting becomes a potent poetic device that operates from visual experience to various possibilities of collective, subjective and space relationship, building in Sarita a Body without Organs. Sarita Themonia is an assembled body of authentic behavior and free sensitive expression in search of the unexpected, which crosses and strengthens itself in the cultural group called NoiteSuja and soiling other nights. The different, the counter-hegemonic nuisance, is the object of critical, reflexive, artistic and pedagogical analysis, through the varied visual and virtual production that conducts this work.

**Keywords: Garbage. Montação. Themonia**

## PRONTUÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>NEURA.....</b>	<b>13</b>
<b>Corpo Território.....</b>	<b>14</b>
<b>TRANSTORNO.....</b>	<b>24</b>
<b>Corpo Lixeira.....</b>	<b>24</b>
<b>Corpo Cinzeiro.....</b>	<b>24</b>
<b>Olho D'Água .....</b>	<b>25</b>
<b>ARREGANHAMENTOS.....</b>	<b>26</b>
<b>NEUROINFECÇÕES.....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

Como parte estruturante dessa pesquisa, a produção visual, iconográfica, determina a construção do TCC, não apenas como narrativa dialógica ou caráter reflexivo como manípulo nesse trabalho, mas pela autonomia de representar o momento autêntico de expressão do corpo, mais precisamente do corpo em Sarita, fortalecendo as diversas possibilidades de significado e sentido sendo uma obra de arte e por isso, fala por si só.

Percebendo também o rápido processo de transformação tecnológica, que aperfeiçoando os smartphones, têm estimulado a produção de conteúdo em tempo real e simultânea, com a criação de plataformas que acentuam a comunicação por imagem, isso acontece de maneira gradativa como podemos perceber em três diferentes redes sociais, a que priorizam o uso do texto bem como da imagem, como é o caso do Facebook. Ver em: <https://pt-br.facebook.com/> acesso em 9 de dezembro de 2018, a que exalta a produção de textos curtos e links de imagens como no Twitter, disponível em: <https://twitter.com/login?lang=pt> acesso em 9 de dezembro de 2018, e a prioridade em produção de imagem e vídeo com possibilidades de manipulação podendo produzir textos e desenhos com tipos de cores e adesivos, bem como fontes e formas diferentes, o Instagram, Ver em: <https://www.instagram.com/> acesso em 9 de dezembro de 2018. Sendo o Instagram a plataforma que elejo para difusão desse Transtorno de Cognição em Curso, por se tratar de uma pesquisa iconográfica e principalmente por esta ser uma produção de conhecimento de propriedade pública sendo um esforço incansável de fortalecer e compartilhar essa pesquisa com a maioria das pessoas possível, para que não seja mais uma produção acadêmica de difícil acesso esquecida no fundo de uma biblioteca.

Divido o TCC em capítulos de produções visuais, elejo três processos de themonização feitos em diferentes momentos, por outros artistas da fotografia e seus olhares carinhosos sobre o acontecimento de Sarita Themonia em experiências de montagem coletiva. As três produções visuais aqui divididas em capítulos, bem como as diversas produções que estruturam esse trabalho podem ser acessadas através dos links a estes e outros registros publicados no Instagram.

## NEURA

1. **Link de fotos do experimento “Corpo INstranhamento”. Disponível em:**

<https://www.instagram.com/p/BIDoAH3ALof/?taken-by=flores.astrais>. Acesso em: 9 de dez. 2018.

2. **Link de fotos do experimento “Corpo INstranhamento”. Disponível em:**

<https://www.instagram.com/p/BIO6JEMAMJk/?taken-by=flores.astrais> Acesso em: 9 de dez. 2018.

A experiência performativa que vivo com o corpo montado (montação) em desconstrução permanente conhecida como Sarita Themonia, parte do estranhamento às influências de dominação capitalista vividas pelo meu corpo, que pelo contexto artístico venho entendendo o corpo como sendo uma força potente e singular de expressão que potencializando relações, determina mudanças nos diferentes contextos em que o corpo está inserido, Jean-Luc Nancy (2012) define em seu artigo *58 INDÍCIOS SOBRE O CORPO* algumas reflexões e caminhos para a percepção do corpo e com isso maior consciência das possibilidades de uso dessa força. Compartilho aqui um trecho que representa parte dessas inquietações :

29. Um corpo, corpos: não pode haver um só corpo, e o corpo traz a diferença. São forças dispostas e estendidas umas contra as outras. O “contra” (de encontro, em reencontro, contraposto “de perto”) é a categoria maior do corpo. Quer dizer, o jogo de diferenças, contrastes, resistências, capturas, penetrações, repulsões, densidades, pesos e medidas. Meu corpo existe contra o tecido de suas vestes, o vapor do ar que ele respira, o brilho das luzes ou o roçar das trevas. (NANCY.J.L. 2012, p. 48).

A definição do autor sobre o corpo como o lugar da diferença, a possibilidade em existir diversas sensações e forças que dialogam e se estranham criando assim reações e movimento, reações sensíveis e ou conscientes que ocorrem de forma simultânea as necessidades internas e externas, das sensações e contextos onde o corpo está inserido.

Identifico assim que o motor para desenvolver o que hoje vivo em Sarita Themonia, parte do estranhamento, “o contra, de encontro, contraposto”, defendido por Nancy (2012), me ajuda a perceber as diferentes reações do meu corpo as situações

provocadas e os contextos vividos, construindo assim minha identidade a partir das diferenças que tenho com o mundo, encontrando na arte a possibilidade em ir além da realidade racionalizada, e fortalecendo experiências sensíveis, livres e seguras, no sentido de potencializar e encorajar o corpo a um comportamento autêntico não domesticado.

Na tentativa de visualizar as transformações e estranhamentos, percebo primeiro em que etapa se encontra meu corpo e como eu me expesso para o mundo. Sou um homem cisgenero, negro, periférico, homossexual, de comportamento não normativo, mais conhecido como bicha!

## **Corpo Território**

**Link de fotos da experiência em “Corpo: Território em disputa”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpSBA8OAVi-/?taken-by=saritathemonia>**

Acesso em: 09 de dez. 2018.

Um dos primeiros estranhamentos de que me lembro, do qual me acompanha até hoje e define minha existência, o comportamento masculino, me refiro ao comportamento normativo, a sequência de ações previsíveis e aceitáveis para a sociedade me identificar como sendo homem, comportamento imposto ao meu corpo, do qual sempre estranhei e que por isso resisto em reproduzir, vivendo assim uma relação de disputa, as “forças dispostas umas contras as outras” como afirma Nancy (2012), do corpo bicha, artista, periférico, negro e revoltado ao corpo civilizado, comportado que reproduz a masculinidade opressora da voz grossa, do pulso firme, grosseiro e alienado, disputando no discurso e comportamento contra a demarcação do meu corpo, como tenta fazer a sociedade ocidental colonizada, que para a pirataria da autora Larissa Latif, vem transformando o corpo em território:

O corpo-território é o corpo esvaziado na repetição da norma. Não age. É agido. Conectado aos pedaços a objetos de consumo, aos fantasmas de uma identidade fixa e previsível, ele se produz na fragmentação, na angústia, na falta, na autorrepresentação como incompletude, na consciência de si como resíduo da separação de um outro que se afasta eternamente para uma esfera ideal, inatingível, proibida.

O corpo que funciona mas não cria. Aparentemente vivo, executa como um autômato as tarefas previstas na agenda, os gestos esperados da identidade de gênero binária, da orientação sexual, da idade, do nível de qualificação acadêmica, da profissão, do lugar na hierarquia acadêmica, do lugar onde mora, da nacionalidade! (LATIF, 2018. p. 3-4).

Identificar os elementos de territorialização do meu corpo, as fronteiras e muros que me separam de outros corpos e lugares, determina junto com a realidade e os contextos que vivo o tipo de pensamento e com isso de arte que venho desenvolvendo.

Sendo a manipulação um critério de sociabilidade no sistema capitalista, essa se dá bem antes dos objetos ou até da consciência, antes de nascer, quando ainda somos a notícia do exame que deu positivo, a ideia da nossa existência já é manipulada, e as idealizações que se fazem em torno de um feto que acabou de ser fecundado são infinitas, como: se for menino vai ser jogador de futebol, se for menina vai ser secretária, se for menino vai se chamar João se for menina vai se chamar Maria, se for menino vai gostar de carrinho, se for menina vai brincar de boneca, se for menino vai ser tudo azul, se for menina vai ser cor de rosa, torce pra ser homem que é melhor pra criar, se for mulher vai dar muito trabalho. Ainda no primeiro mês de gestação já somos planejados, tudo e todos se preparam para a nossa chegada, enxoval pronto, quarto do bebê arrumado e a única certeza é que vai ser menino ou menina.

E então nascemos, depois de nove meses sendo alimentados e sentindo o mundo pelo corpo de uma mulher, sendo influenciados ainda na barriga, chegamos no mundo habitando o corpo humano, se expressando através de sons, um corpo novo, totalmente sensível tocando, ouvindo, vendo e sentindo o mundo pela primeira vez. Aprendemos a nos virar de lado, rolar, sentar, empurrar, puxar, fechar e abrir as mãos, segurar e soltar coisas, se arrastar, engatinhar, se segurar, ficar de pé, se equilibrar, andar, assim desenvolvemos a coordenação motora e os sentidos, percebemos de forma inconsciente que temos um corpo e aprendemos a usá-lo, a manipular nossos corpos da forma que a sociedade e o contexto familiar permitem, na fase dos primeiros anos de vida em que o corpo é totalmente manipulado, precisa de alguém para fazer tudo, cuidar, transportar, alimentar, fazer dormir, brincar, é a fase em que o corpo vive sem a consciência de que é consciente, vive suas emoções da forma mais sincera, suas vontades e sentimentos estão em primeiro lugar, um ser completamente irracional e que por isso é controlado e manipulado.

Eis que a manipulação através dos objetos se dá. O uso de fraldas para o controle das necessidades fisiológicas, roupas que dependendo do clima, ao invés de proteger das condições climáticas, servem apenas para esconder as partes íntimas o corpo dependendo das permissões sociais, talheres para auxiliar na alimentação e diversos outros objetos que conduzem a um comportamento aceitável para a socialização. Com isso, aprendemos a

controlar o corpo e usar o corpo para controlar outras coisas, para então poder encarar os outros momentos de socialização, na escola, trabalho e em outros convívios sociais.

Tendo a dominação dos corpos sob profunda influência do comportamento ocidental sistematizado, percebo o papel transformador da arte me possibilitando viver experiências sensíveis de encorajamento a um comportamento não sistematizado, a razão em função da emoção, caminhos conscientes para desenvolver e exaltar a sensação e expressão sensível do corpo, o teatro como a arte da presença e por isso do comportamento, sendo um caminho potente para transformação social e portanto um lugar estratégico, historicamente disputado pela racionalidade ocidental.

Latif (2018) pirateia a ideia de demarcação dos corpos também no contexto teatral, onde o corpo é o centro, principal instrumento para o trabalho do atuante e profundamente influenciado por técnicas, sistemas de pensamento e comportamento:

O corpo-território da cena teatral atua sob o domínio da técnica. Técnica de interpretar, de representar, de transmitir mensagens, emoções, sentidos. O Corpo-território fala, caminha com intenção, com emoção recuperada em função da dramaturgia, respira no momento exato, contracena, faz e desfaz quartas paredes. É um corpo extremamente treinado, construído para a ação cênica. Assim é que ele se faz território, um espaço delimitado onde o sentido se instaura pela separação entre ele e o que está para além ou aquém. O corpo-território é significante, atua na esfera do sentido, está no lugar de outro, só faz sentido porque está no lugar de outro.

[...] para estar no lugar de outro é preciso estar preparado, é preciso estar treinado. Treinada a voz, treinado o caminhar, o tempo de reagir, o ouvido treinado para ouvir como se fosse pela primeira vez o que já ouviu mil vezes, ver pela primeira vez o que já se repetiu mil vezes. Treinar um corpo para a cena é, em parte desfazê-lo. Desfazê-lo da norma exterior à cena. No entanto, a cena produz o seu próprio corpo normativo, ela o produz mais uma vez como território. Toda uma tecnologia complexa e variada se produz sobre o corpo do ator para que ele seja o corpo de um ator. Precisão, força, prontidão, beleza, força, leveza, capacidades ambíguas, como a de parecer. (LATIF, 2018, p.4).

A autora chama atenção para o processo de controle e sistematização do corpo e do comportamento nas diversas instâncias sociais, inclusive no teatro, esforços do ator em desenvolver o controle e consciência corporal a fim de alcançar a versatilidade, espontaneidade e até a neutralidade, a página em branco onde o personagem será escrito, a construção de características e perfil psicológico, autênticos, que separe o ator do personagem, esforços em alcançar um corpo versátil e livre, acabam por sistematizar, idealizar um comportamento, que é entendido por determinado grupo como neutro, mas que

reforçando a territorialização dos corpos, acaba por reproduzir um outro sistema de comportamento.

Como herança colonizadora da racionalidade aristotélica, que apesar de ter o papel histórico determinante para a evolução do pensamento e a prática teatral como conhecemos hoje, segue determinada pela racionalidade, supervalorizando o texto, o pensamento, para legitimar a qualidade na produção artística, como se o acontecimento artístico em si não fosse o suficiente e que depende da escrita para comunicar a ideia, delimitando apenas o ponto de vista de quem escreve, limitando assim a autonomia da obra artística em comunicar a diversidade de sentidos que carrega.

## MONTAÇÃOMONXTRAÇÃOTHEMONIZAÇÃO

**Link “Corpo: Lixo Eletrônico” no Instagram. Disponível em:**

**<https://www.instagram.com/p/Bo1oHFvgLg8/?taken-by=saritathemonia>**

**<https://www.instagram.com/p/BoxYF-AgAc2/?taken-by=saritathemonia>**

**Acesso em: 9 de dez. de 2018.**

Como então aliar a experiência sensível das artes, ao fortalecimento de um comportamento social autêntico, não sistematizado para a descolonização dos corpos? Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre o cruzamento de eixos semióticos:

Havíamos encontrado dois eixos: um de significância e outro de subjetivação. Eram duas semióticas bastante diferentes, ou mesmo dois estratos. Mas a significância não existe sem um muro branco sobre o qual inscreve seus signos e suas redundâncias. A subjetivação não existe sem um buraco negro onde aloja sua consciência, sua paixão, suas redundâncias. Como só existem semióticas mistas ou como os estratos nunca ocorrem sozinhos, havendo pelo menos dois, não devemos nos surpreender com a montagem de um dispositivo muito especial em seu cruzamento. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 28).

Detectar os elementos de territorialização na demarcação dos corpos tem sido parte estratégica para sua descolonização, entendendo a criação de fronteiras também como condicionantes que separam, sentidos que podem se potencializar na mistura das diferenças, mas acabam por se esgotar criando a mais delicada das fronteiras, a do limite, o fim. Tenho me dedicado em observar e experimentar a influência dos objetos na manipulação dos corpos, para além de significados, percebo nessa guerra decolonial a experiência tátil como distúrbio desterritorializante em querer montar no corpo todo o tipo de objeto, pendurar e fixar tudo

em mim, um cabide de várias coisas misturadas, passo a coletar todo o tipo de lixo, imaginar deformações e performances, objetos que colocam o meu corpo em condições adversas para novas sensações, misturando diferentes objetos na desconstrução dos sentidos, diluindo as fronteiras para fortalecer, no cruzamento das diferenças, possibilidades caóticas, desordenadas, não sistematizadas, vivendo em Sarita a montagem de um dispositivo que cruze e convulsione os eixos de significância e subjetivação apontados por Deleuze e Guattari, montagem em desconstrução permanente dos sentidos.

Um exercício expresso nas três obras visuais que aciono para a construção dessa reflexão, produções visuais que exaltam o profundo processo de coisificação dos corpos, a partir da relação sensível com cada vez mais objetos, seja pelo contato visual, sinestésico ou químico que vem alterando nossos comportamentos, hábitos, sistema biológico com a ingestão de substâncias e reação de doenças, nos transformando em objetos infectados ou mesmo em corpos cyborgs com uso de próteses e sob influência de objetos eletrônicos no corpo. Com isso, além de manipulados e super explorados, podendo ser descartados pelo sistema por não representar ou contribuir com a manutenção do comportamento e pensamento hegemônico, sendo colocados em uma condição de lixo, o lixo humano que a sociedade invisibiliza, negligência e tenta exterminar, pessoas precárias, periféricas, afroamerindios e sexodissidentes.

Se meu corpo é um território em disputa, que seja ocupado por todos, que o corpo seja o lugar de outros corpos e com isso de outras opiniões, um território invadido, misturando símbolos e significados, principalmente os descartados pelo heterocapitalismo e cultura ocidental, vivendo assim uma experiência performativa, sendo a Sarita uma força que gera linhas de intensidade em atravessamento individual, coletivo e diversificado do acontecimento, tudo acontece no corpo, na tentativa de reproduzir não um comportamento sistematizado, mas a repetição da diferença com as reações diversas em contato com as pessoas que interagem com o meu corpo montado.

A experiência do lixo como principal objeto para a montagem em desconstrução do corpo/comportamento humano, é potencialmente geradora de intensidades, vivendo em Sarita um Corpo sem Órgãos como definem Deleuze e Guattari:

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num spatium ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem

está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau — grau que corresponde às intensidades produzidas. Ele é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva, a intensidade = O, mas nada há de negativo neste zero, não existem intensidades negativas nem contrárias. Matéria igual a energia. Produção do real como grandeza intensiva a partir do zero. Por isto tratamos o CsO como o ovo pleno anterior à extensão do organismo e à organização dos órgãos, antes da formação dos estratos, o ovo intenso que se define por eixos e vetores, gradientes e limiares, tendências dinâmicas com mutação de energia, movimentos cinemáticos com deslocamento de grupos, migrações, tudo isto independentemente das formas acessórias, pois os órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades puras. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 12).

Os autores, desenvolvem uma análise que acompanha a dimensão imaterial da geração de linhas de intensidade que passam pelo CsO:

A esquizoanálise não incide em elementos nem em conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em lineamentos, que atravessam tanto os grupos quanto os indivíduos. Análise do desejo, a esquizoanálise é imediatamente prática, imediatamente política, quer se trate de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade. Pois, antes do ser, há a política. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 05).

Percebendo os objetos como elementos determinantes para a demarcação dos corpos, e com isso o corpo como lugar de visibilidade desses objetos e suas funções, a montagem em Sarita acaba suprimindo o corpo humano, me colocando em situações de desconforto, me exigindo diferentes movimentos e posturas, para evidenciar o lixo em sua máxima representação, colocando o corpo em função do lixo, dando suporte e evidencia, provocando outra relação das pessoas com o lixo agora no meu corpo e conseqüentemente ressignificar a minha relação de corpo montado com o lugar e as pessoas, potencializando assim um espaço favorável a comportamentos não domesticados.

De maneira profunda, se afetar pelas energias do objeto descartado, deixar que as energias da bituca de cigarro, recém-apagado e da latinha recém-amassada, se cruzem com a pele, como uma costura feita por linhas imaginárias de energia que invadem os poros, tudo isso de maneira fluida, nada fixo, quanto maior a costura do objeto no corpo, maior a fluidez, mais autonomia o objeto tem de navegar pelo corpo, como uma órbita que gira no próprio eixo e no eixo do outro, mudando a temperatura do corpo, o calor, fluidos e odores.

O copo de água que antes era comercializado, tinha um valor para quem adquiriu este objeto valioso quando estava cheio de água, em cada gole, o copo deixa de ser importante, descarta a sede do corpo, se enche de insignificância, até ser jogado fora carregado pelo alívio e outros motivos de quem transformou um copo plástico em algo tão

valioso, antes de ser usado. Agora é um objeto sem função, uma bola de plástico amassada junto com outras coisas insignificantes, resumindo suas possibilidades de (re)existência à invisibilidade, ao esquecimento. Copos descartados, abandonados, aglomerados, tumultuados, sendo conduzidos ao acaso para a situação caótica mais favorável de entupir o bueiro e transbordar toda a sujeira, fazer feder a hipocrisia, invadindo narizes, entortar caras e bocas, interromper a tranquilidade, acabar com o conforto, o sossego, fedor violento da negligência e do esquecimento, invisibilidades acumuladas em incômodo descomandado, imprevisível, lixo, a menos que se destrua, enquanto existir o incômodo continua.

Sendo o lixo uma condição determinada por pessoas, é relativo para cada grupo, o que é lixo para alguns, pode não ser lixo para outros, são símbolos e significados antes exaltados, sendo descartados, deixando de ter a mesma importância, tornando a desqualificação um hábito, um comportamento que educa ao desprezo, achando que os problemas se resolvem quando jogamos fora, na verdade o problema está apenas invisibilizado. Mas ele ainda existe, mesmo o copo plástico transformado em lixo, não deixou de existir, e segue como um copo plástico insignificante que não merece menos do que a destruição. Nós, pessoas periféricas, somos jogadas para a margem, para o esquecimento, como fazem com os mecanismos de controle social como o machismo, homofobia e racismo, que associando a cor preta a sujeira, nos assassina na periferia, garantindo a “limpeza social” ou a longo prazo, como parte do processo de coisificação dos corpos, as doenças, o envenenamento, intoxicação, infecção, alteração do DNA, anatomia, alimentação, ingestão de líquidos, e alteração do ar, epidemias, vírus e doenças criadas, doenças que já tem cura como a diabetes e AIDS, mas que, garantindo o enriquecimento da indústria farmacêutica, nos dá prazo de validade, nos tornando cada vez mais dependentes de químicas e produtos manipulados industrialmente, tudo isso porque quem vive demais começa a pensar e quem pensa demais corre o risco de entender as coisas e tentar mudar a realidade.

Colocar o lixo no corpo, dentre todas as possibilidades que venho descobrindo, começa pela necessidade em escancarar a associação nítida do sistema que nos tornar descartável, sendo a trajetória do copo plástico, a nossa em relação ao sistema, a diferença é que pensamos, negligenciados e descartados, corpos amontoados, aglomerados, se organizando.

**Primeira convenção das Themonias.**

Disponível em <https://www.instagram.com/p/BnMVWa7ABzI/>

Acesso em 1 de set. de 2018 :

Em 2012 já começava a experimentar no corpo, elementos de desconstrução da normatividade compulsória que depois foi batizada de Sarita di Gzuis, como sendo uma personagem ficcional, me entendendo como ator/pesquisador, descubro então a arte Drag e a experiência coletiva em montagem, que transformou Sarita em Themonia e segue em deformação a partir das festas drags, organizadas pela produtora NoiteSuja. Disponível em: <https://www.instagram.com/noitesuja/>. Acesso em 4 out. 2015.

A cada encontro, vem ganhando um corpo maior e mais autônomo de pessoas, nos fazendo entender enquanto grupo cultural, com diversos outros corpos que se montam, descobrimos, no procedimento simples de fixar objetos no corpo, a desconstrução de nossas imagens e sentidos humanos, nos percebendo também enquanto Monxtras, termo usado por artistas drags da Bahia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bqo1NL8jW8W/>. Acesso em: 09 dez. 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpvNhqnDFZR/>. Acesso em: 09 dez. 2018.

Conhecemos outros corpos que também se montam, uma rede internacional e histórica de criaturas de imagem e comportamentos não humanos que tentando se disfarçar, não passam de monstrxs humanizadx, cada vez mais bagunçadx em corpos coisificados, convocamos todas as aliadas, a partir da nossa cultura e ancestralidade, condicionadas a lixo e por isso, descartadas.

Elejo o lixo industrial e orgânico como os objetos da montagem de Sarita, por representarem aquilo que deixou de ter importância social e por isso são descartados. Sarita dá visibilidade a objetos invisíveis e negligenciados, objetos que são de responsabilidade social e por isso potencializam diversas relações individuais com o lixo que na montagem reafirma meu corpo como um lugar coletivo, desterritorializado tanto pelos objetos montados que são coletivos como pela montagem que foge ao significado masculino e humano, que nesse contexto, determinam a desconstrução de identidade e com isso o tipo de produção artística.

Exaltamos o lixo, ao exaltar uma condição social tão insignificante, geramos profundo estranhamento nas pessoas, incômodo, o lixo é lindo, somos lindas, a merda é cheirosa e assim, temos nos infiltrado cada vez mais em diversos espaços normativos, exaltando nossas imagens invisibilizadas e discriminadas, exercitando o olhar para um outro entendimento de si, a partir do estranhamento e da confusão dos sentidos e significados, exercício que se fortalece desde quando começamos a nos montar, pessoas estranhas

aprendendo a se maquiar e transformar a própria imagem, elogiamos a nossa feiura, as cores e texturas tortas revelando nossa profunda falta experiência e força de vontade, nos tornando pessoas autênticas, feias porém bonitas, bonitas por dentro, bonitas de longe, bonitas no escuro, nos perguntando como pode, nós que somos criaturas tão tortas sermos tão perfeitas? Verdadeiras themonias!!

**Themonização em Sarita, clique na imagem/vídeo para pausar e conseguir ler.**

Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17972101522168618/> Acesso em 09 dez 2018.

Temos aperfeiçoado cada vez mais o nosso processo de montagem, e com isso, aperfeiçoando a themonização para além da comicidade ironizada, mas como um posicionamento, entendendo a necessidade de defender e exaltar nossa ancestralidade, cultura e comportamentos demonizados pela normatividade. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkjJEPvgAPG/> Acesso em: 09 dez. 2018.

Assim como no estranhamento do lixo nos corpos, insistimos que themonia escrita com “th” é um estranhamento a palavra demônio que tenta resumir tudo aquilo que é ruim e que deve ser proibido pela moral judaico-cristã, e com isso, o sentido da themonização que para nós é sinônimo de qualidade, como resposta a demonização da nossa existência, cultura e ancestralidade, fazemos questão de existir, de incomodar cada vez mais, sendo a nossa existência uma ameaça, nossas ações passam a ser um atentado em nome do amor e da liberdade de expressão, muito prazer Sarita Themonia, cigana do coração, no colapso da colônia, em afetação permanente nas ruínas do heterocapitalismo!

**Sarita Themonia descartável.** No I Festival Pai drag'égua em Belém organizado pela turma de 2014 do curso de Turismo da UFPA. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BaViRPiA7cV/> Acesso em 9 de dezembro de 2018.

**Sarita Themonia do Inferno Astral em órbita apocalíptica.** Na NoiteSuja Inferno Astral 2018.

Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BihjqK8Bu\\_9/](https://www.instagram.com/p/BihjqK8Bu_9/) Acesso em 9 de dezembro de 2018.

**Sarita Themonia, intolerante a lactose** > Noite Suja Carnevalle 2018 > Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bgh7B3KBnpb/> acesso em 9 de dezembro de 2018.

**Sarita Themonia PODRE DE RYCA, rica por fora e podre por dentro!!**  
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Baxz1GylKdC/>. Acesso em 9 de dezembro de 2018.

**Themonia Encubada** > Resultado da coleta de cascas e cubas de ovos consumidos na casa/bairro que morei em Recife. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BY\\_QiyGgz3G/](https://www.instagram.com/p/BY_QiyGgz3G/) Acesso em 9 de dezembro de 2018.

**Themonia textuosa** na mesa de discussão sobre performatividade de gênero e sexualidade no I Festival Pai Drag'égua em belém, organizado pela turma de Turismo da UFPA. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BYj4hfnAsPg/> Acesso em 9 de dezembro de 2018.

**Themonia antiespecista** indo mandar um som em noite de Africalimente-se. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BomV567g\\_9Y/](https://www.instagram.com/p/BomV567g_9Y/) Acesso em 9 de dezembro de 2018.

## TRANSTORNO

Como parte estruturante deste trabalho, a produção visual ao testemunhar, eterniza o acontecimento performativo, que parte do estranhamento, sendo o transtorno uma situação que gera incômodo, afetando as pessoas, alterando o espaço.

### Corpo Lixeira

Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/BpX-v8sgc7J/?taken-by=saritathemonia>

acesso em 9 de dezembro de 2018.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpX-cgsgoM-/?taken-by=saritathemonia> acesso em 9 de dezembro de 2018.

Neste experimento, durante o evento de rua, Desvvo de Conducta > Maryconas Transgressoras > Museu da Encruzilhada, os objetos e a relação com o lugar fizeram a montagem, convidei as pessoas para descartar seus lixos em mim, utilizando fita adesiva e cola branca para fixar os objetos, descartaram junto das bitucas, copos e outros lixos industriais, a energia, a catarse, aquele sentimento sendo jogado fora com o objeto que deixava de ser importante e passava a ser descartado. Assim a montagem se construiu, a partir do descarte!

### Corpo Cinzeiro

Disponível em:

<https://www.instagram.com/stories/highlights/17948305660125643/>

acesso em 9 de dezembro de 2018.

Divide em quatro momentos o processo de coisificação e infecção dos corpos na relação com o cigarro a partir de questões e consequências sobre Quem te fuma? O que fuma quem? Corpo exTragado e o Corpo Cinzeiro //// O silêncio ensurdecido dos teus pensamentos te faz companhia na solidão do quarto vazio, o cigarro é o teu cúmplice, tua rota de fuga, cada trago trás o alívio em se sentir livre deixando na boca o gostinho fétido da ilusão de liberdade. ////O pulmão transborda no corpo a neurose entorpecente, ebulição dos sentidos, nicotina saindo pelos poros, orifícios, boca, nariz, olhos, você é o próprio cigarro!!

////// O vício agora é norma, estado de degradação permanente, você é o próprio cigarro, se queima, se consome, se apaga e se descarta! ////// O ciclo cancerígeno esvazia o corpo e mente em úlcera nervosa, o sangue fino escorre chorume, as veias se tornam valas abertas, a solidão, neurose, decadência, colapso da razão e existência, tudo aquilo que não presta, que não serve, bitucas, carteiras, fósforo usado seu corpo é o próprio cinzeiro!!

## **Olho D'Água**

Disponível em:

<https://www.instagram.com/stories/highlights/17874262798303173/>

acesso em 9 de dezembro de 2018.

Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/BpX6gOdAn3r/?taken-by=saritathemonia>

acesso em 9 de dezembro de 2018.

Experimento de montagem coletiva que compartilhei com mais duas pessoas, nos montando de maneira rotativa entre coletar o lixo, cortar e montar no corpo um do outro, embalagens de água mineral descartadas nas ruas, praças, calçadas e valas. Surgimos como olho d'água na correnteza de lixo que se forma durante a procissão do círio, imergindo o lixo que fica nas profundezas da procissão e que por isso é invisibilizado.

Mergulhamos na correnteza representativa dos copos de água ressignificados em lixo, causando estranhamento quanto a relação com a água e o mistério do Círio, sendo o nosso corpo composto 90% de água no clima úmido de Belém onde respiramos água, nos alteramos de acordo com as alterações das águas, seus diferentes estados e ciclos, sendo Belém uma floresta urbanizada, a presença violenta da natureza rompendo o concreto e cimento dão o tom de quem ainda mais na organização da cidade, a chuva, quando a chuva cai tudo para, as ruas alagam, os igarapés se desenterram, os lugares fechados ficam abafados, o trânsito fica engarrafado, o rio fica transbordando e as valas inundadas, a mesma água que cai, volta ao fundo do rio, emergindo nova água, que evapora e subindo se acumula, até despencar de novo, inundando corações e mentes em subjetividade densa e fluida de transformação permanente.

## ARREGANHAMENTOS

Sendo a racionalidade critério para a sociabilidade ocidental, é elemento crucial para a territorialização dos corpos, por isso a produção visual corpo montado com lixo em disputa com as normas e regras sociais se faz importante, evidenciando as possibilidades de manipulação dos objetos e suas influências na transformação dos corpos e comportamentos, para o fortalecimento da disputa entre a razão do comportamento sistematizado, normativo ocidental, com o da expressão sensível e autêntica do corpo, estimulando contextos de outras relações e comportamentos inesperados, provocados pelo contato com a experiência performativa em desconstrução permanente que vivo, conhecida como Sarita Themonia. Levantando questionamentos profundos acerca da relação do corpo com os objetos nos diferentes contextos inseridos, bem como da relação com o meio ambiente e responsabilidade social para com a produção de lixo.

Muitos são os desdobramentos de toda essa realidade construída intuitivamente de maneira coletiva e colaborativa, cada encontro uma descoberta, como tática de sobrevivência temos nos expressado por gritos, para avisar que chegamos em algum lugar, fazemos um escândalo para que todos saibam que estamos ali, chamamos atenção como forma estratégica de nos mantermos seguras, desenvolvendo assim uma comunicação por gritos, que temos chamado de Hierógritos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BmYQdccAEem/> acesso em 9 de dezembro de 2018.

Outro processo imprescindível que muito diz respeito a arte educação, foram as experiências de montagem coletiva feitas por crianças: minha irmã, Ana Paula e nossos primos, João Kauê e Jhonatan Kaleu. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bn2tCp6gcg0/> acesso em 9 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bn5BSS4AEI3/> acesso em 9 de dezembro de 2018.

Oficina de montaria themonia anti civilizatória que facilitei como parte da programação de Monstruosas: Tesões Apocalípticos nas Ruínas do Heterocapitalismo, festival de cultura e política sexodissidente que aconteceu em Recife. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bam1zRolOoS/> acesso em 9 de dezembro de 2018.

Tenho vivido um processo de pilhagem gradativo, soterrando meu corpo com lixo, um monte de lixo ambulante, referência que venho fortalecendo na observação das montações cotidianas dos vendedores ambulantes, que penduram no corpo suas mercadorias,

vendendo nas ruas, ônibus, ou de porta e porta Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17931904384243691/> acesso em 9 de dezembro de 2018.

Outro processo de fortalecimento coletivo tem sido quando caminhamos em grupo, mesmo desmontadas, evitar exposição isolada nas ruas, a menos é claro, se estivermos disfarçadas de ser humano normativo, mas quando estamos montadas, na rua, como se fossemos estátuas vivas, em movimento, nos juntamos formando um cardume de themonias, um corpo coletivo maior e mais estranho, uma themonia gigante, ou como gostamos de chamar um Megazord, fazendo referência aos desenhos japoneses de robôs que lutam e se agrupam para formar robôs maiores, monstros enormes, no nosso caso, themonias em ação.

Fortaleço aqui, outros desdobramentos potentes de pesquisa a partir da experiência do encontro com o fenômeno Noitesuja, fortalecendo pesquisas de TCC já entregues e outras em TCC e mestrado, assim como nessa pesquisa, estão em andamento, percebendo o nosso processo artístico como uma potente produção de conhecimento não sistematizada, reinventando os corpos, as relações e o espaço, feitas por artistas de carne e osso intimamente sintonizados com a realidade, sendo além de artistas, funcionários de loja, empresas, casa noturna, dançarinas, professoras e todas as outras formas de subsistência para a nossa sobrevivência humana e manutenção dessa realidade themonizada que fazemos questão de viver. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17877434221294295/>. Acesso em 9 de dezembro de 2018.

Sendo essa pesquisa, bem como a vivência em Sarita, parte determinada pelo processo coletivo, está necessariamente em constante re significação, tendo o coletivo NoiteSuja, como acontecimento potente que reúne pluralidades de artistas que se aproximam pela diferença, vivendo encontros físicos e virtuais, como no grupo de whatsapp que tem sido a ferramenta de comunicação mais eficaz para nossas inquietações cotidianas, onde seguimos em neurose redescobrimo nossa existência, como nas imagens a seguir, compartilhadas no instagram de nossas recentes problematizações sobre o conceito de drag e de tudo aquilo que fazemos e ainda podemos fazer. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18008096548026668/?hl=pt-br>. Acesso em 9 de dezembro de 2018.

## NEUROINFECÇÕES

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3;** tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996 (Coleção TRANS).

J.L, NANCY. 58 indícios sobre o corpo. Tradução Sérgio Alcides. **Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.42-57, jan./dez. 2012.

LATIF, Larissa. **Lindonéia desmonta:** sobre a máscara aberta como corpo sem órgãos. VIII Fórum Bienal de Artes, 2018.